

Os designios e a caracterização da Ciência Aplicada

Se perguntássemos o que caracteriza efetivamente a ciência aplicada, eu diria que, essencialmente, sua condição intrínseca de observação dos fatos reais, de análise experimental em laboratório, ou em campos específicos e, posteriormente, pelo retorno às suas fontes originais de pesquisa, como forma de intervenção, em vistas de melhorias sociais e de novas descobertas técnico-científicas. Este desdobramento final, depende muito mais de ações políticas e de interesses econômicos, do que propriamente da vontade dos pesquisadores ou das comunidades científicas. É desnecessário dizer que nenhuma produção do conhecimento deveria ter um fim em si mesma, ou que se destina exclusivamente a grupos restritos. Sua finalidade é fazer com que, cada vez mais pessoas, sejam beneficiadas.

Decorre nesse sentido, a realidade consequencial de que, o que a ciência pode fazer pela sociedade, nada mais é do que, um reflexo daquilo que a sociedade tem feito pela ciência. Porém, o que em tese, parece ser uma obviedade não é tão evidente quanto julgamos, uma vez que essa caracterização da ciência é permanentemente contestada, por fatos que atentam diariamente contra o que é essencial na vida das pessoas. Como por exemplo, as garantias e os direitos fundamentais que devem servir de regra básica em todos os países, em que os regimes políticos se baseiam nos princípios de uma sociedade livre e democrática.

No que concerne ao Brasil, a Constituição Federal de 1998, no seu art. 5º estabelece que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo a todos a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade. O que nos leva a questionar sobre como ficam estes direitos e garantias fundamentais, quando nos deparamos com problemas relacionados a falta de infraestrutura sanitária para grande parte da população? Com a falta ou má qualidade da alimentação? A existência de doenças tropicais, às quais os vetores já foram erradicados em todos os países desenvolvidos? As epidemias, de dengue, *chikungunya* e, mais recentemente, pela contaminação causada pelo vírus *zika*? São perguntas, para as quais não teremos respostas, nos próximos 30 ou 40 anos.

Tais resoluções, dependem de inovação tecnológica e pesquisas científicas, mas, sobretudo, dependem de mobilização social e nova consciência das lideranças políticas. Não nos abrandamos o fato de que, por ironia ou não, esta situação de ameaças epidêmicas, não se limite aos países subdesenvolvidos.

Com muita propriedade escreveu J.L. Poersch, em 1972, no livro de síntese às teorias evolucionistas de Teilhard de Chardin, sob o título: *Evolução e Antropologia no espaço e no tempo*, em que nos diz "... o centro coletor das energias cósmicas, o Homem está predestinado a crescer em valor e dignidade, em poder e grandeza, até submeter todas as potências do mundo ao seu completo domínio". É bem verdade que de acordo com esse conceito de pleno domínio das energias cósmicas e potências mundiais, ora contrariando, ora confirmando o que foi escrito por J.L. Poersch, avanços já foram alcançados ao longo destes últimos 50 anos, como por exemplo, as descobertas extraordinárias

no campo da medicina. O lado injusto de todo o progresso aqui mencionado, é que ele é alcançado apenas por uma parcela bem pequena da população mundial.

Direcionando nosso discurso para o campo da saúde, observemos o relato do documento interministerial elaborado conjuntamente com os Ministérios da Saúde e da Educação em 2015: *“Desigualdades geográficas na distribuição de médicos podem ser encontradas em vários países e regiões. A organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 50% da população mundial reside em áreas rurais remotas, mas essas áreas são servidas por menos de 25% da força de trabalho médico”*. Assim, fica claro que ainda há muito a ser feito para que os direitos e as garantias fundamentais sejam uma realidade extensiva a todos.

É com essa visão de mundo que a revista **O Mundo da Saúde**, vem construindo sua história. Com o comprometimento de contribuir para o progresso da ciência e, conseqüentemente, para a melhoria da sociedade, adota a premissa de que se a ciência é instigada pela realidade, é seu dever dissecá-la, por meio de formulação teórica, análise experimental e pesquisa.

Compondo esta edição, contamos com 13 artigos que se caracterizam como resultado da identificação de problemas de pesquisadores comprometidos com a pesquisa, os quais tiveram a coragem de dedicar parte importante de suas vidas, na expectativa de que a soma das pequenas ações de investigação, pode ser a chave para a solução dos grandes problemas sociais.

Finalmente, agradeço aos colaboradores da revista **O Mundo da Saúde**, na certeza de que a existência deste periódico depende do apoio de cada um de vocês, seja na condição de conselheiro editorial, de parecerista, de pesquisador ou profissional técnico de editoração. Por tudo, a nossa eterna gratidão.

Boa leitura.

João Batista Gomes de Lima*